

Valores que os Estudantes de Psicologia Consideram Necessários para Serem Felizes

Values That Psychology Undergraduates Consider Necessary to be Happy

Nelson Pedro-Silva^{a*}; Marcos Henriques da Freiria^b

^aUniversidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Departamento de Psicologia Social e Educacional. SP, Brasil.

^bUniversidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. SP, Brasil.

E-mail: nelsonp1@terra.com.br

Resumo

Este artigo analisa os valores que os universitários, segundo seus próprios pares, consideram importantes para serem felizes. Participaram da pesquisa 161 estudantes do 1º ano de Psicologia de uma Universidade pública do interior paulista, de ambos os sexos, com idade entre 17 e 21 anos. Os resultados informaram que: a) os sujeitos consideram que o mais importante para ser feliz se relaciona à amizade (52,8%), à riqueza (18,0%) e à saúde física e psíquica (11,2%), isto é, aspectos mais afeitos à dimensão ética e às formas de glória; b) os sujeitos praticamente não mencionaram a esfera pública, manifestando certa visão individualista e ingênua, já que é impossível a concretização destes valores, sem considerar os públicos; c) quanto à amizade, os sujeitos a consideram como uma forma de se adaptar a uma nova realidade, distante dos familiares e/ou por associar o seu estabelecimento com a felicidade; d) a intenção de ter amigos se refere à demanda por ter as mesmas gratificações obtidas na família, como a de apoio emocional, assim, a amizade pretendida não está calcada na reciprocidade, pois o outro é visto apenas como meio para viabilizar a satisfação de interesses pessoais; e) no tocante à saúde, os sujeitos argumentaram que ela é condição vital para se obter a felicidade; f) de maneira semelhante, manifestaram justificativas quanto à riqueza, isto é, embora não seja condição suficiente, é necessária para concretizar os desejos que podem torná-los felizes. Foi possível concluir que fatores materiais (riqueza) e ligados ao estabelecimento de relações interpessoais são os aspectos julgados necessários para se alcançar a felicidade.

Palavras-chave: Felicidade. Universitários. Valores.

Abstract

This article analyzes the values that university students, according to their own peers, consider important to be happy. The subjects of the research were 161 undergraduates of both sexes, aged 17 to 21 years, of the first year of the psychology major of a public university in the interior of Sao Paulo state. Results indicated that: (a) the subjects consider that the most important to be happy is friendship (52.8%), wealth (18.0%), and physical and mental health (11.2%), that is, aspects more related to the ethical dimension and forms of glory; (b) most subjects did not mention the public sphere, and thus manifested a certain individualistic and naive view, since it is impossible to achieve these values without considering the public ones; (c) as for friendship, the subjects consider it a way to adapt to a new reality, far from their families, and/or associate its establishment with happiness; (d) the intention to have friends refers to a demand for the same gratification obtained in their families, such as emotional support, and thus the desired friendship is not grounded in reciprocity, because the other is seen only as a means to enable the satisfaction of personal interests; (e) regarding health, the subjects argued that it is a vital condition to obtain happiness; (f) as for wealth, they expressed similar justifications, that is, although wealth is not sufficient, it is necessary to achieve the desires that can make them happy. It was possible to conclude that material factors (wealth) and factors linked to the establishment of interpersonal relationships are the ones deemed necessary for happiness.

Keywords: Happiness. University Students. Values.

1 Introdução

O que é necessário para ser feliz, segundo estudantes de Psicologia de uma universidade pública? A presente indagação, inicialmente, decorreu de observações assistemáticas feitas pelos pesquisadores acerca do comportamento atual de estudantes de um curso de Psicologia de uma universidade pública, com os quais se teve contato. Verifica-se que os referidos universitários, quando interpelados a respeito dos motivos para terem escolhido ingressar no presente curso, frequentemente, afirmavam que, com isso, eles seriam felizes.

Passou-se, então, a questionar acerca desta demanda, pois – para os pesquisadores – o ingresso em um curso universitário tem por finalidade propiciar o desenvolvimento

acadêmico e pessoal. Por conseguinte, o objetivo não é, em si, o de propiciar felicidade, mas o de oferecer condições para que estas pessoas se desenvolvam de tal maneira que consigam desempenhar a atividade profissional pretendida.

Em outros tempos, como apontaram Luzio (1989) e Silva (1994), os estudantes matriculados neste curso afirmaram que tinham ingressado em Psicologia para ajudar a si próprios e aos outros. Nota-se, então, que a busca da felicidade por tais universitários contemplava a si e aos outros. Entretanto, as observações nada informaram sobre o desejo em auxiliar as outras pessoas.

Este aspecto foi abordado por Senett (1988), no tocante à maneira como tem ocorrido as relações interpessoais na

atualidade. Para este autor, as pessoas têm buscado priorizar a esfera privada em detrimento da pública. Como consequência, o referido autor afirma que, cada vez mais, tem se valorizado os princípios individuais e as pessoas mais próximas, como os familiares.

Somado a isso, Bruckner (2002) assevera que, nos dias de hoje, se observa a necessidade, quase uma obrigação, de ser feliz. Para o autor, este imperativo decorreu da transformação do ideário Iluminista que defendia, entre outros aspectos, o direito a ser feliz para todos. Contudo, em face do desenvolvimento das sociedades, sobremaneira, as do mundo Ocidental e capitalista, este direito se transformou em um dever.

Infere-se, assim, que o sofrimento passou a ser ignorado, deixado de lado ou as pessoas mudaram sua atitude em relação a este estado. Com o Iluminismo se acreditava que, aos poucos, o homem conseguiria dominar a natureza e, em decorrência, superaria todas as aflições humanas, como: a fome, as dores e as doenças. Entretanto, o citado sofrimento não desapareceu, mas a cada geração tem se mostrado com uma nova roupagem. Por exemplo, se no começo do século XX uma das grandes preocupações estava em encontrar meios para produzir mais alimentos – o que implicava até em proibir relações sexuais entre adolescentes (MILLOT, 1987) – hoje a sociedade se depara com o fenômeno da obesidade, causada por fatores justamente criados para possibilitar a tão sonhada felicidade – o sedentarismo, a ingestão de alimentos industrializados, ricos em gorduras saturadas e açúcares.

Nessa perspectiva, nota-se que o desenvolvimento do sistema capitalista radicalizou o culto à felicidade, tornando o sofrimento algo a ser banido a qualquer custo. Portanto, o que antes era visto como conflito, desequilíbrio – aspectos necessários ao desenvolvimento e a consequente obtenção da felicidade – estes passaram a ser expurgados da vida das pessoas.

Por conseguinte, o pensar passou a ser evitado, pois – ao fazê-lo – as pessoas são obrigadas a lidar com os problemas cotidianos, em especial, com a necessidade de se consumir de maneira desenfreada, a tentativa de protelar o processo de envelhecimento e a subordinação a um padrão de beleza ditado pelos meios de comunicação de massa – exatamente os aspectos concebidos, atualmente, como geradores de felicidade.

Outro motivo se relacionou às causas e às consequências da infelicidade, como a perda da qualidade de vida e a depressão (LIMA; FLECK, 2009). Sobre este último estado, é possível perceber que as pessoas, atualmente, quando se sentem infelizes, praticamente interpretam ou são diagnosticadas como estando em depressão. Sem entrar no mérito da confusão que se costuma estabelecer entre este quadro mórbido e a tristeza, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão será a segunda maior causa de ausência ao trabalho até 2020.

Ao prosseguir com os questionamentos, elaborou-se uma reflexão acerca dos motivos que os estudantes julgariam necessários para serem felizes. Nessa linha de pensamento, destaca-se La Taille (2000; 2005; 2007) ao asseverar que as pessoas agem motivadas por valores que objetivam a harmonia social e a pessoal. Esta concepção está amparada em Gilligan (1982), Flanagan (1991), Campbell e Christopher (1996) e Tugendhat (1996), entre outros estudiosos que se dedicaram a refletir e a pesquisar as condutas humanas.

Contudo, foram as reflexões de Taylor (1989) que mais propiciaram mobilizar a realização da presente pesquisa. Ele considera que as preocupações científicas no campo da moralidade não deveriam se restringir apenas a explicar como os homens agem ou deveriam agir, como advogou Kant (1960). Antes ou concomitantemente, as pessoas deveriam se preocupar com a natureza do bem viver, com a felicidade. Em linhas gerais, portanto, os estudos psicológicos sobre a moralidade deveriam ter como objeto de estudo, por exemplo, os valores que as pessoas julgam necessários para serem felizes.

Tais valores podem, conforme La Taille (2000; 2005; 2007), estar ligados à dimensão pública, privada ou se constituir em uma forma de glória.

Os valores públicos, também conceituados de morais, dizem respeito à dimensão do dever agir e têm por finalidade possibilitar a vida societária (justiça, honestidade, respeito mútuo, entre outros). Até para Kohlberg (1992), o nível de desenvolvimento moral deve ser mensurado pela relação que as pessoas estabelecem com o valor justiça – preceito fundamentado no imperativo categórico kantiano a afirmar que só se deve agir conforme uma máxima que pode, ao mesmo tempo, ser passível de universalidade, ou seja, válida para todos.

Quanto aos privados (éticos), estes estão alicerçados no *eudemonismo*, princípio moral cujo: “[...] fim das ações humanas (individuais e coletivas) consiste na busca da felicidade através do exercício da virtude, a única a nos conduzir ao soberano bem, por conseguinte, à felicidade” (JAPIASSU; MARCONDES, 1989, p. 91).

Esta concepção, que tem Aristóteles (s.d./1996) como um dos seus principais representantes, acredita que o cultivo das virtudes não é contrário à busca da harmonia social. Tão somente, é possível depreender da Ética a Nicômaco (s.d./1996) – obra do citado filósofo grego – que o cultivo de valores acerca da dimensão do *dever ser* possibilita que a dimensão do *dever agir* possa efetivamente se concretizar. Por exemplo, segundo Comte-Sponville (1995), o bom humor é uma virtude apreciada e quem o cultiva possibilita a melhora da convivência. Porém, esta virtude referente à dimensão privada, só o será de fato se estiver subordinada à pública. Afinal, o bom-humor não garante a harmonia social, embora possa torná-la mais fácil de ser obtida. Em outras palavras, segundo Silva (2015), valores referentes a uma vida boa só

podem ser compreendidos como éticos se estes não impedirem a convivência social.

Diferentemente são as formas de glória (beleza, força física, *status* financeiro e social). Apesar de serem compreendidas como valores, pois são priorizadas pelas pessoas, a ponto de influenciarem fortemente seus comportamentos, não se relacionam à busca da felicidade (*eudemonismo*), mas do prazer (*hedonismo*). Nesse sentido, não objetivam a harmonia social tampouco a individual.

É certo que o leitor deve estar se perguntando a respeito da relação entre valores e aspectos para ser feliz. Entende-se que aquilo julgado necessário para ser feliz é valorizado pelas pessoas, a ponto de ser constituinte do seu autorrespeito. É por isso que, segundo Perron (1991), as pessoas tendem a manter tais valores em personalidades ou em buscar adquiri-los, pois são concebidos como elementos formadores de uma imagem positiva acerca de cada pessoa.. Pode-se supor, portanto, que ao indagar os estudantes sobre o que julgam necessário para ser feliz, está-se – de certa forma – predizendo o que eles avaliam como importante em suas vidas, isto é, os valores priorizados e vistos como produtores de felicidade para eles.

Outro aspecto que levou à realização do presente estudo se referiu à existência de poucas pesquisas relacionadas àquilo julgado necessário à felicidade entre estudantes universitários. Por meio de levantamento bibliográfico feito nas bases de dados eletrônicas *Scielo* e *Dedalus* (USP), os estudos desenvolvidos sobre este assunto praticamente buscaram analisar a relação entre este estado psicológico e fatores como a depressão (LIMA; FLECK, 2009), a autoestima (FREIRE; TAVARES, 2011) e os comportamentos acadêmicos (DELA COLETA; DELA COLETA, 2006). Além disso, foram feitas revisões de literatura, cuja intenção foi verificar a influência de determinadas variáveis na concretização da felicidade (saúde física/mental e religiosidade), a despeito de esta se associar a características psicológicas e condições socioculturais (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

Encontrou-se, ainda, estudo que pesquisou a felicidade entre adolescentes (CAMARGO; ABAID; GIACOMONI, 2011). Embora não tenha sido realizado com universitários, os dados mostraram que, basicamente, os sujeitos do sexo masculino acreditam que a obtenção de felicidade é dependente da aquisição de bens materiais e da melhoria das condições objetivas de vida, ao passo que as mulheres a associam ao estabelecimento de relações interpessoais. Verifica-se, igualmente, a presença de estudo que analisou a relação entre felicidade e cultura da paz. Nesse sentido, a violência é concebida como produtora de infelicidade (ZANATTA; MOTTA, 2015).

Especificamente sobre a relação entre felicidade e valores, depara-se com Silva (2015), cujo estudo, embora tivesse por objetivo principal a investigação dos valores priorizados por estudantes universitários de um curso de Psicologia, parte do pressuposto de que se esses valores eram priorizados é porque se associavam à felicidade, como a amizade e a inteligência.

Quanto aos demais estudos, trataram essencialmente da validação de escalas com o objetivo de avaliar a qualidade de vida, o bem-estar e a felicidade (PASSARELI-CARRAZZONI, SILVA, 2012; MONTEIRO, TAVARES, PEREIRA, 2012; SAMBIASE, 2014).

Considerando os motivos anteriormente mencionados, realizou-se o presente estudo com objetivo de analisar os valores que os estudantes universitários, segundo os seus próprios pares, consideram importantes para serem felizes. Secundariamente, foi também pretensão responder às seguintes indagações: Qual a natureza dos valores julgados necessários para ser feliz, ou seja, estes dizem respeito à dimensão pública (moral), à privada (ética) ou às formas de glória? Quais as justificativas apresentadas para considerarem que, com tais valores, seriam felizes?

2 Material e Métodos

O universo pesquisado foi constituído de estudantes universitários recém-ingressantes em um curso de Psicologia de uma universidade pública, localizada no interior do Estado de São Paulo (SP), de ambos os sexos, com idade entre 17 e 21 anos.

Empregou-se para a coleta das informações, um questionário autoaplicável, composto de questões factuais (sexo, idade, religiosidade, cidade de origem, entre outros itens) e de aspectos priorizados por eles, por meio de indagações do seguinte tipo: Em sua opinião, quais são os valores priorizados pelos seus colegas universitários? Do que você acredita que esses estudantes têm mais medo? O que você julga que eles mais valorizam em si próprios?

Para os propósitos do presente artigo, foram analisadas as respostas e justificativas dadas à indagação referente ao que eles julgaram – para os seus pares – importante para a obtenção da felicidade. Assim como Silva (2015), também se emprega os sujeitos como informantes, em vez de perguntar-lhes o que eles consideravam necessário para serem felizes. Procedeu-se dessa forma porque, em estudo piloto realizado pelos pesquisadores – assim como o de Silva (2015) –, os sujeitos apresentaram respostas e justificativas estereotipadas. Por esta razão, adotou-se metodologia semelhante à utilizada pelo referido autor. Afinal, concorda-se com Silva (2015), quando se fala dos outros, o se faz com base em cada pessoa. Nesse sentido, compreende-se a realidade valendo-se dela própria (acomodação) e das estruturas de assimilação (PIAGET, 1964/1973).

2.1 Procedimento geral para a coleta das informações

Procedeu-se da seguinte forma: primeiramente, foi solicitada a autorização da Direção para a realização do estudo; na sequência, pediu-se autorização aos docentes para a aplicação do instrumento em sala de aula; uma vez obtida, entregou-se o termo de consentimento livre e esclarecido e, em seguida, o questionário; durante a aplicação, os pesquisadores

permaneceram na sala, visando dirimir possíveis dúvidas; depois de terminada a aplicação se fez o agradecimento aos participantes sendo informado, novamente, que a identificação permaneceria em sigilo.

2.2 Procedimento geral para a análise das informações

Para a análise, inicialmente, transcreveram-se os dados para tabela Excel. Na sequência, depois de leitura minuciosa das justificativas dadas, foram criadas categorias, as quais foram submetidas à avaliação de especialistas da área. Assim, quando os avaliadores manifestaram conflitos, buscou-se criar nova categoria ou se inseriu a justificativa em outra julgada mais adequada. Por fim, foram analisados os dados, considerando a literatura da área e os estudos sobre a psicologia das virtudes, organizados por La Taille (2000; 2002a; 2002b; 2006; 2007).

3 Resultados e Discussão

3.1 Dimensão dos valores priorizados

Quando indagados sobre o que os seus pares consideravam mais importante para “ser feliz”, como se observa no Quadro 1, dos 161 questionários válidos, basicamente os estudantes apontaram a amizade (52,8%), a riqueza (18,0%) e a saúde física e psíquica (11,2%).

Quadro 1 – Respostas válidas apresentadas pelos participantes acerca dos valores julgados necessários à felicidade por seus pares

Respostas	Resultados (n=161)
Saúde	11,2 % (n=18)
Inteligência	2,5% (n=4)
Amizade	52,8% (n=85)
Beleza	3,7% (n=6)
Honestidade	3,7% (n=6)
Riqueza	18,0% (n=29)
Amor	2,5% (n=4)
Realizar-se profissionalmente	3,7% (n=6)
Outras respostas	1,8% (n=3)

Fonte: Dados da Pesquisa.

Sob o ponto de vista das dimensões, 117 sujeitos (72,7%) relacionaram o ser feliz aos aspectos privados (saúde, inteligência e amizade), 35 estudantes (21,7%) apontaram formas de glória (beleza e riqueza) e, apenas, seis participantes (3,7%) consideraram valores afeitos ao universo público, como a honestidade.

Percebe-se, então, que os valores públicos, isto é, mais afeitos à esfera de *dever agir*, não foram considerados essenciais à felicidade para quase a totalidade dos universitários, corroborando as observações da pesquisa de Silva (2015) e as reflexões de Sennett (1988) e Carvalho (1989). Em outros termos, os sujeitos praticamente não apontaram valores relacionados à dimensão concernente à vida societária, isto é, dos valores públicos. Como dito, sem estes, é impossível a

concretização dos demais valores, inclusive os relacionados à esfera pessoal.

3.1.1 A amizade

Como apontado (Quadro 1), mais de 50,0% dos sujeitos julgaram que, para ser feliz, é necessário ter amigos. Acredita-se que assinalaram esta alternativa pelo fato de a maioria deles ser proveniente de cidades localizadas a mais de 200 Km do campus em que está localizado o curso frequentado. Por conseguinte, provavelmente, eles – a despeito de outros motivos – apontaram esta alternativa porque ainda se encontravam em um período de adaptação a uma nova realidade.

É o que se pode inferir das justificativas apresentadas pelos sujeitos em relação a este quesito:

LRM (18a., fem.). Porque é difícil você não ter amigos em um lugar em que você vai passar muito tempo, é importante alguém para conversar, assim eu me sinto melhor.

BPL (18a., fem.). Para você crescer, ter amigos melhora a adaptação na cidade, seus estudos, suas relações.

LTM (19a., fem.). Porque é bom para você estar sempre em companhia, ele te ajuda, te consola. Para algumas pessoas é sinônimo de popularidade [...].

LTC (19a., fem.). Porque quando eu estou perdida, preciso conversar, pedir um conselho, quando quero fazer uma coisa legal, você vai atrás deles, precisa deles.

BAR (20a., fem.). Representa um momento de várias transições entre elas um desligamento da família, sendo dessa forma necessário encontrar amigos como um ponto de apoio.

BGG (18a., fem.). Normalmente os universitários estão longe de casa e fazem dos amigos a sua família, sentem-se confortados perto deles.

YACS (19a., fem.). Exerce grande encanto na maioria dos estudantes mesmo que ela não seja verdadeira, ela é eficiente para o convívio na faculdade, nas festas, trabalhos.

LPT (19a., mas.). A maioria está longe de tudo e de quem ama, então buscam a felicidade na amizade.

AFAR (21a., fem.). São portos seguros nas horas de desespero, de alegria, brincadeira, estresses [...].

Chama a atenção, outro aspecto: o motivo de eles conceberem a amizade de maneira instrumental. Em outras palavras, a amizade funcionaria como fator essencial para suportar a distância dos familiares ou suprir a sua ausência; adaptar-se a uma nova realidade, sem grandes traumas, ter ajuda dos pares, sobretudo, na consecução das atividades escolares, além de possibilitar o engajamento e o reconhecimento de pertença ao meio acadêmico.

Outro dado que mobilizou se referiu ao fato de não se ter encontrado depoimentos, cujos motivos estavam relacionados a desejar ter amigos, fizessem menção à reciprocidade. Parece que eles querem ter amigos apenas para suprir as suas carências, sem qualquer tipo de contrapartida, isto é, também auxiliar os seus pares neste processo de inserção a uma nova realidade, como passar a viver em nova cidade e ter que administrar a própria vida.

Diante disso, arrisca-se a afirmar que o desejo não é por estabelecer relações de amizade, no sentido clássico de ambos se ajudarem. Ter amigos é somente uma forma encontrada

para reproduzir as interações até então vividas na família e ter os benefícios oferecidos por esta, como apoio emocional.

Este aspecto, a ver, evidencia que tais sujeitos apresentam dificuldades para o estabelecimento de relações cooperativas. Eles, ao que parece, se comportam como as crianças da fase pré-operatória (PIAGET, 1964/1973) que, ao brincar, aparentam que estão se relacionando. Contudo, o que se nota é que elas brincam “ao lado” de outras crianças, mas não “com” ou “contra” outros pequenos. Em outros termos, o fato de terem apontado a amizade, não se relaciona ao desejo de estabelecer novas interações sociais, sobretudo desta natureza, pois a preocupação não está voltada à coordenação de pontos de vista, mas à tentativa de obter os mesmos benefícios quando residiam com os pais.

Evidencia, ainda, o processo de socialização a que estes sujeitos foram submetidos. A ver, não foram oferecidas condições suficientes para que eles se desenvolvessem moral e eticamente, a ponto de compreenderem e exercitarem a reciprocidade.

Este resultado vai ao encontro dos estudos organizados por Marano (2005) e confirma outros assinalados por Piaget (1957) acerca do papel da interação para o desenvolvimento, sobretudo o ético-moral. Diferentemente do que aconteceu em outras épocas, os pais e/ou responsáveis de hoje não estão deixando ou preparando os seus filhos para que possam “caminhar com as próprias pernas”, “aprender com os próprios erros”. Agem assim, segundo depoimentos emitidos por eles, para evitar que seus filhos sofram ações violentas. Porém, julga-se que – ao lado desse argumento – há outros decorrentes da atribuição de um novo valor imputado à família e aos filhos (FERRY, 2010; LA TAILLE, 1996).

Uma das decorrências foi a flexibilidade na exigência de condutas morais e éticas dos filhos, pois os pais passaram a se negar a impor limites, em grande medida, movidos pelo sentimento de culpa de ter que deixar os filhos sob a responsabilidade de outras pessoas (avós e/ou babás, por exemplo) e de instituições (creches e escolas de Educação Infantil), além de buscarem oferecer uma educação diferente da que eles tiveram. Esse excesso de proteção, entretanto, acabou por impedir que os filhos aprendessem a lidar com as adversidades e contrariedades, a ponto de serem incapazes de estabelecer novas relações baseadas no respeito mútuo. Nesse contexto, parece que o fato de eles terem apontado a amizade como motivo necessário à felicidade – tal como eles a concebem – diz respeito a uma tentativa de se proteger contra uma realidade diferente.

Apesar destas considerações, o leitor poderá objetar que se mais de 50,0% dos questionados apontaram a amizade como valor para ser feliz, então estaria subentendido que eles estão levando em consideração outrem.

Não se concorda com este raciocínio. As justificativas, apresentadas por eles, evidenciam que esta valorização pela amizade está relacionada à satisfação de interesses

individualistas, narcisistas ou de preocupação excessiva consigo próprio. Nesse sentido, eles estão mais preocupados em usar os amigos como meio para atingir seus objetivos.

Mesmo assim, não se pode considerar que os sujeitos foram mobilizados, apenas, por fatores circunstanciais, como a mudança de cidade, para terem mencionado a amizade. Conforme estudos desenvolvidos, as mulheres – que foram maioria dos sujeitos investigados – tendem a associar a felicidade ao estabelecimento de relações interpessoais, como a amizade (CAMARGO; ABAID; GIACOMONI, 2011; SILVA, 2015).

3.1.2 A saúde física e psíquica

Quanto às justificativas para se considerar a “saúde física e psíquica”, 11,2% dos respondentes afirmaram que esta é necessária para se conseguir qualquer coisa na vida, isto é, a saúde é requisito para se conquistar objetivos acadêmicos, amorosos, financeiros e/ou profissionais. Logo, para eles, quando o sujeito tem saúde, está apto a buscar os fatores que julga necessários à felicidade, entre estes: desempenhar as atividades acadêmicas e culturais e encontrar meios para a obtenção de status financeiro e social. Pode-se inferir, desse modo, que para uma parcela dos entrevistados a saúde se associa, positivamente, com a felicidade, tal como foi verificado por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007).

VCC (19a., fem.). Ter saúde física e psíquica, porque sem isso todo o resto fica comprometido.

BMA (17a., fem.). Ter saúde física e psíquica, porque tendo saúde ele tem base para continuar estudando, vivendo, fazer o que quiser.

MFF (20a., fem.). Ter saúde física e psíquica, porque tendo saúde qualquer outra coisa pode ser conquistada.

KFS (19a., fem.). Ter saúde física e psíquica porque com saúde se é livre para conquistar o que se deseja.

CMN (25a., masc.). Ter saúde física e psíquica, pois acredito que com saúde realizamos qualquer desejo ou projeto.

Outro dado é que os sujeitos, em sua maioria, não apontaram fatores econômicos e sociais mais amplos, como a existência de mercado de trabalho e de remuneração considerável para que sejam efetivados os seus desejos e, em decorrência, possam ser felizes.

O fato de eles terem assinalado a “saúde” pode indicar, também, uma ideia de busca de equilíbrio, isto é, de que a felicidade estaria no meio termo, como define Aristóteles (s.d./1996) em relação às virtudes. Porém, nada nas justificativas apresentadas autoriza a pensar nesse sentido; tampouco que eles tenham passado por uma situação de adoecimento ou que tiveram contato com alguém nesse estado, a ponto de levá-los a valorizar a saúde, em si, como aspecto necessário para serem felizes. Portanto, as justificativas levaram a crer que a menção a ter “saúde” não foi produto de um processo de construção, mas de internalização de um ditado popular. Isso significa que tal justificativa não foi reconstruída pelos respondentes, evidenciando o emprego de uma lógica heterônoma (PIAGET, 1957).

3.1.3 A riqueza

Os dados informaram, também, que 18,0% dos questionados apontaram a riqueza como fator necessário para ser feliz. A lógica para terem emitido justificativas desse tipo é semelhante a que foi empregada para a “saúde”, isto é, como meio para concretização de desejos que efetivamente os fariam felizes.

CMCF (19a., fem.). Muitas vezes isso é até como a prioridade na escolha de uma profissão [status financeiro].

EKV (18a., mas.). A sociedade atualmente é muito materialista e consumista.

WPC (26a., mas.). Está impregnado no modo de pensar de nossa sociedade capitalista.

LED (20a., mas.). [O dinheiro] Tem importância fundamental para sobrevivência, participação em grupos, reconhecimento, entre outras coisas.

EAV (18a., fem.). Abre portas e facilita muito a vida de uma pessoa.

GGF (18a., mas.). É uma forma de conseguir o que querem, por mais banais que sejam.

JVM (22 a., fem.). Sem o dinheiro não conseguirão manter o status social e a beleza.

Depreende-se das justificativas emitidas por estes sujeitos que ter dinheiro é fundamental na sociedade em que se vive, concordando com os resultados obtidos, por exemplo, por Borrero et al. (2013). É por meio dele que as pessoas são capazes de adquirir quaisquer bens valorizados atualmente, ou seja, aqueles relacionados à busca de reconhecimento social e que, portanto, são compreendidos como produtores de felicidade.

Sob certos aspectos, justificativas deste tipo já eram esperadas. Afinal, vive-se em uma sociedade capitalista, cujos valores priorizados são formas de glória (prestígio financeiro e social, por exemplo). Nesse sentido, a expectativa era de que mais sujeitos assinalassem “dinheiro” como forma de se obter felicidade.

Talvez, isso não tenha ocorrido porque, como os sujeitos questionados estavam em um momento de transição, de adaptação a uma nova realidade, suas preocupações estavam direcionadas à resolução desta adversidade. Aliado a isso, não se pode desprezar o fato de eles viverem sob a égide do hedonismo ou que tenham apenas a sua condição atual – o presente – como objeto de (pre)ocupação, como apontou Senett (1988). É por isso que eles assinalaram a necessidade de “ter amigos” como condição para serem felizes. Isso não significa, ao ver, que eles desconsideraram a necessidade de ter “dinheiro”, mas – se eles não apontaram essa alternativa, e sim “ter amigos” – é porque eles estavam priorizando, naquele instante, a amizade.

4 Conclusão

Como apontado, este estudo foi realizado com a finalidade de analisar os valores que os estudantes universitários, segundo os seus próprios pares, consideravam importantes para serem felizes.

Desse modo, foram questionados 161 estudantes

regularmente matriculados no 1º ano do curso de Psicologia de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idade entre 17 e 21 anos.

A análise dos dados obtidos, por meio da aplicação de um questionário, apresentou os seguintes resultados:

a) os sujeitos consideraram que, para os seus pares, o mais importante para ser feliz se relacionava à amizade (52,8%), à riqueza (18,0%) e à saúde física e psíquica (11,2%), isto é, aos valores mais afeitos à dimensão ética e às formas de glória; b) a maioria dos sujeitos não fez menção à esfera pública. Este dado é preocupante, pois indicia certa visão individualista e ingênua, uma vez que não ponderaram que é impossível, para a concretização dos valores privados e até das formas de glória, a consideração dos valores públicos;

c) especificamente quanto à amizade, mais de 50% dos sujeitos a apontou como forma de conseguir se adaptar a uma nova realidade, distante da dos familiares e/ou por associar a felicidade ao estabelecimento de relacionamentos interpessoais;

d) as justificativas possibilitaram verificar, ainda, que a intenção de ter amigos diz respeito ao desejo de estabelecer relações semelhantes às vividas no seio familiar e, assim, ter o apoio emocional desejado. Nesse sentido, a relação de amizade defendida por eles não está calcada na noção de reciprocidade. Pode-se dizer que o outro é visto, apenas, como meio para viabilizar a satisfação de interesses pessoais;

e) no tocante à saúde física e psíquica, os sujeitos argumentaram que esta é condição vital para se obter a felicidade;

f) de maneira semelhante, manifestaram justificativas quanto à riqueza, isto é, embora não seja condição suficiente, esta é necessária para concretizar os desejos que podem torná-los felizes.

Em suma, fatores materiais, como riqueza, e ligados ao estabelecimento de relações de amizade são os aspectos julgados necessários à felicidade.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- BORRERO, S. *et al.* Pobres e angustiados, mas felizes: moderadores situacionais e culturais da relação entre riqueza e felicidade. *Estud. Gerenc.*, v.29, n.126, p.2-11, 2013.
- BRUCKNER, P. *A euforia perpétua: ensaios sobre o dever de felicidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- CAMARGO, S.P.H.; ABAID, J.L.W.; GIACOMONI, C.H. Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes. *Psicol. Escolar Educ.*, v.15, n.2, p.241-250, 2011.
- CAMPBELL, R.; CRISTOPHER, J.C.C. Moral development theory: a critique of its kantian presuppositions. *Developmental Rev.* v.16, n.1, p.1-47, 1996.
- CARVALHO, E.A. Prefácio. In: COSTA, J.F. *Psicanálise e moral*. São Paulo: Educ, 1989. p.8-9.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Petit traité grandes vertus*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

- DELA COLETA, J.A.; DELA COLETA, M.F. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicol. Estud.*, v.11, n.3, p.533-539, 2006.
- FERRAZ, R.B.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M.L. Felicidade: uma revisão. *Rev. Psiquiatr. Clin.*, v. 34, n. 5, p.234-242, 2007.
- FERRY, L. *Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- FLANAGAN, O. *Psychologie morale et éthique*. Paris: Puf, 1991.
- FREIRE, T.; TAVARES, D. Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. *Rev. Psiquiatr. Clin.*, v.38, n.5, p.184-188, 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000500003>
- GILLIGAN, C. In a different voice: psychological theory and women's development. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1960.
- KOHLBERG, L. *Psicología del desarrollo moral*. Bilbao: De. Desclee, 1992. p. 33-40.
- LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J.G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.
- LA TAILLE, Y. Para um estudo psicológico das virtudes. *Educ. Pesq.*, v.26, n.2, p.109-121, 2000.
- LA TAILLE, Y. *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 15, n. 1, p.13-25, 2002b.
- LA TAILLE, Y. A escola e os valores: a ação do professor. In: LA TAILLE, Y. *Indisciplina/disciplina*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 5-21.
- LA TAILLE, Y. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 19, n. 1, p. 9-17, 2006.
- LA TAILLE, Y. Desenvolvimento humano: contribuição da psicologia moral. *Psicol. USP*, v. 18, n. 1, p. 11-36, 2007.
- LIMA, A.F.B.S.; FLECK, M.P.A. Qualidade de vida e depressão: uma revisão da literatura. *Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul*, v.31, n.3, 2009. doi <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082009000400002>.
- LUZIO, C.A. *Encontros e desencontros com os mitos da Psicologia Clínica*. São Paulo, 1989. 180f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.
- MARANO, H. E. De olhos bem fechados. *Folha de S. Paulo*, p. 4, 20 fev. 2005.
- MILLOT, C. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MONTEIRO, S.; TAVARES, J.; PEREIRA, A. Adaptação portuguesa da escala de medida de manifestação de bem-estar psicológico com estudantes universitários - EMMBEP. *Psicol., Saúde Doenças*, v.13, n.1, p.66-77, 2012.
- PASSARELI-CARRAZZONI, P.; SILVA, J.A. Bem-estar subjetivo: autoavaliação em estudantes universitários. *Estud. Psicol.*, v.29, n.3, p.415-425, 2012. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300011>.
- PERRON, R. *Les représentations de soi*. Toulouse: Privat, 1991.
- PIAGET, J. *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: PUF, 1957.
- PIAGET, J. (1964). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.
- SAMBIASE, M.F. et al. Confrontando estruturas de valores: um estudo comparativo entre PVQ-40 e PVQ-21. *Psicol. Reflex. Crit.*, v.27, n.4, p.728-739, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427413>.
- SENETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, N.P. *Entre o ideal e o real*. São Paulo: PUC, 1994.
- SILVA, N.P. Valores priorizados por estudantes universitários de um curso de psicologia de uma universidade pública. *Educ. Pesq.*, v.41, n.2, p.391-407, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022015041615>.
- TAYLOR, C. *Sources of the self: the making of the modern identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ZANATTA, E.A.; MOTTA, M.G.C. Violência, sob o olhar de jovens, na perspectiva da corporeidade e da vulnerabilidade. *Texto Contexto Enferm.*, v. 24, n. 2, p. 476-485, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07022015001302014>.